

## Etnografia como método de pesquisa em Ciências da Educação

Ethnography as a research method in Educational Sciences

La etnografía como método de investigación en Ciencias de la Educación

Recebido: 17/11/2023 | Revisado: 27/11/2023 | Aceitado: 28/11/2023 | Publicado: 30/11/2023

### **Moacir de Souza Júnior**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7612-2034>  
Instituto Agropolos do Ceará, Brasil  
E-mail: msjunior0902@gmail.com

### **Maria do Carmo da Silva Souza**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6217-2305>  
Prefeitura Municipal de Vicência, Brasil  
E-mail: carminha.rone@gmail.com

### **Maria Juliana Sousa Miranda Pinheiro**

ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-2324-2352>  
Governo do Estado do Ceará, Brasil  
E-mail: juliana.mirandap@live.com

### **Kalel Portela de Vasconcelos dos Santos**

ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-4714-7376>  
Universidade Estadual do Ceará, Brasil  
E-mail: santos.kalel07@gmail.com

### **Waldenice Maria Mendonça Pereira**

ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-0911-8184>  
Prefeitura Municipal de Recife, Brasil  
E-mail: Valdenice.unica@gmail.com

### **Miriam Paulo da Silva Oliveira**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2701-4915>  
Prefeitura Municipal de Vicência, Brasil  
E-mail: mirampaulo@gmail.com

### **João Vitor Sobreira de Freitas**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1442-4018>  
Universidade de Fortaleza, Brasil  
E-mail: joaovsdf15@gmail.com

### **Resumo**

A etnografia tem suas raízes na antropologia, na qual consiste em descrever o modo de vida de um povo ou de um grupo de pessoas. Os estudos etnográficos na área educacional que trataram de descrever minuciosamente as representações dos atores sociais e as atividades desenvolvidas no cotidiano escolar. Uma investigação com abordagem etnográfica não pode estar restrita a encontros eventuais, mas precisa interagir, encontrar uma sintonia entre o tempo disponível e o contexto pesquisado. O artigo tem por objetivo demonstrar a importância da abordagem etnográfica como método de pesquisa em ciências da educação e seu processo de construção do conhecimento. O ato de investigar é precedido pela curiosidade natural do ser humano. Destacamos 03 dispositivos de coleta coerente com o método etnográfico, sendo: pesquisa documental, observação participante e entrevista etnográfica. A metodologia se baseou em uma revisão de literatura, na qual o objetivo foi o de recolha de conhecimentos voltados para o tema, bem como informações atualizadas. Contamos com autores como Lapassade, Gil, Fino, André, Yin entre outros, que colaboraram com seus estudos para o desenvolvimento do artigo, não só apenas com o diálogo empírico, mas também de maneira teórica e dissertativa.

**Palavras-chave:** Etnografia; Educação; Investigar; Coleta.

### **Abstract**

Ethnography has its roots in anthropology, in which it consists of describing the way of life of a people or a group of people. The ethnographic studies in the educational area that tried to describe in detail the representations of the social actors and the activities developed in the school routine. An investigation with an ethnographic approach cannot be restricted to the occasional encounters, but needs to interact, find a harmony between the available time and the researched context. The article aims to demonstrate the importance of the ethnographic approach as a research method in educational sciences and its knowledge construction process. The act of investigating is preceded by the natural curiosity of the human being. We highlight 03 collection devices consistent with the ethnographic method, namely: documentary research, participant observation and ethnographic interview. The methodology was based on a literature review, in which the objective was to collect knowledge focused on the topic, as well as updated information. We

have authors such as Lapassade, Gil, Fino, André, Yin among others, who collaborated with their studies for the development of the article, not only with the empirical dialogue, but also in a theoretical and dissertation way.

**Keywords:** Ethnography; Education; Investigate; Collect.

### Resumen

La etnografía tiene sus raíces en la antropología, que consiste en describir la forma de vida de un pueblo o grupo de personas. Estudios etnográficos en el área educativa que intentaron describir detalladamente las representaciones de los actores sociales y las actividades realizadas en la vida escolar cotidiana. Una investigación con enfoque etnográfico no puede limitarse a encuentros ocasionales, sino que necesita interactuar, encontrar una armonía entre el tiempo disponible y el contexto investigado. El artículo tiene como objetivo demostrar la importancia del enfoque etnográfico como método de investigación en ciencias de la educación y su proceso de construcción de conocimiento. El acto de investigar está precedido por la curiosidad natural del ser humano. Destacamos 03 dispositivos de recolección consistentes con el método etnográfico, a saber: investigación documental, observación participante y entrevista etnográfica. La metodología se basó en una revisión de la literatura, en la que el objetivo fue recolectar conocimiento enfocado en el tema, así como información actualizada. Contamos con autores como Lapassade, Gil, Fino, André, Yin entre otros, quienes colaboraron con sus estudios para desarrollar el artículo, no solo con datos empíricos. diálogo, pero también de forma teórica y disertante.

**Palabras clave:** Etnografía; Educación; Investigar; Recolectar.

## 1. Introdução

A etnografia tem suas raízes na antropologia. Etimologicamente falando, deriva de dois vocábulos gregos, a saber: *ethnos* (que significa “povo”) e *graphein* (cujo significado pode ser “grafia”, “descrição”). Spradley (1979) aponta que a etnografia consiste em descrever o modo de vida de um povo ou de um grupo de pessoas, ou seja, é o trabalho de descrever uma cultura. Entretanto, entendemos como um método que está inserido na pesquisa antropológica, mas que também se faz ser apropriada por outras áreas acadêmicas com o intuito de investigar de forma profunda grupos humanos em toda a sua plenitude, na qual leva o pesquisador a adotar uma série de processos metodológicos específicos (Betoni, 2022).

[...] a etnografia é uma descrição densa. O que o etnógrafo enfrenta, de fato – a não ser quando (como deve fazer, naturalmente) está seguindo as rotinas mais automatizadas de coletar dados – é uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares, implícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar /.../ Fazer etnografia é como tentar ler (no sentido de ‘construir uma leitura de’) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos [...] (Geertz, 1989, p. 20).

DIALOGANDO COM A CITAÇÃO, entendemos que ao coletar as informações, as transformamos em dados que serão analisadas ao longo de todo o estudo, interpretando-as de acordo com o que foi colhido.

Enquanto método de pesquisa em ciências antropológicas se desenvolveu ao longo do século XX, principalmente pelo trabalho de sociólogos da Escola Sociológica de Chicago, que influenciados por trabalhos de campo antropológicos (*fieldwork*) e técnicas de jornalismo investigativo bem como inspirados nos princípios do interacionismo simbólico desenvolveram as bases da etnografia como a conhecemos (Lapassade, 2001, 2005, 2022; Macedo, 2004, 2010).

No entanto, somente em finais da década de 1960, em meio a movimentos sociais que reivindicavam igualdade de direitos, esse tipo de pesquisa começou a despertar interesse de investigadores que desejavam abordar a educação do ponto de vista dos participantes da ação pesquisada e retratar o que realmente se passava dentro das salas de aula e da escola (André, 2010).

Esses estudos etnográficos na área educacional que tiveram seu embrião nos anos de 1960 floresceram nas décadas seguintes, através do surgimento de literatura específica e realização de pesquisas, principalmente nos Estados Unidos e na Europa, desenvolvidas com a preocupação de descrever minuciosamente as representações dos atores sociais e das atividades desenvolvidas no cotidiano escolar.

Desde então, as investigações nessa área se popularizaram por proporcionar um contato mais íntimo entre o pesquisador e o campo de pesquisa e permitir a reconstrução das relações e dos processos do cotidiano educacional. A descrição etnográfica aplicada à educação “não consiste somente em ver, mas fazer ver, isto é, escrever o que se vê procedendo à transformação do olhar em linguagem, exigindo-se uma interrogação sobre a relação entre o visível e o dizível” (Macedo, 2010, p. 82). Nesse sentido, Sousa (2004), Fino (2008) e André (2010), respectivamente, fazem alusão à importância da aplicação da etnografia em pesquisas desenvolvidas em contextos educacionais:

A etnografia, ao conferir outra perspectiva microssociológica e fragmentária à educação, vem assim valorizar as “pequenas coisas”, os “pequenos mundos”, as conversas banais, o raciocínio “profano” dos atores, no fundo, a dimensão cotidiana, terrena, da vida dos alunos em concreto (Sousa, 2004, p. 17, grifos da autora).

[...] a etnografia da educação, sobretudo por recusar qualquer possibilidade de arranjo de natureza experimental, e por, ao invés, estudar os sujeitos nos seus ambientes naturais, pode constituir uma ferramenta poderosíssima para a compreensão desses intensos e complexos diálogos inter-subjectivos que são as práticas pedagógicas. Um diálogo inter-subjectivo, o que decorre entre os actores que povoam um contexto escolar, e narrado de “dentro”, como se fosse por alguém que se torna também actor para falar com um deles (Fino, 2008, p. 4).

Esse tipo de pesquisa permite, pois, que se chegue bem perto da escola para tentar entender como operam no seu dia a dia os mecanismos de dominação e de resistência, de opressão e de contestação ao mesmo tempo em que são veiculados e reelaborados conhecimentos, atitudes, valores, crenças, modos de ver e de sentir a realidade e o mundo (André, 2010, p. 41).

Portanto, desenvolver uma interação com o ambiente natural estudado torna-se essencial, seus atores sociais e toda uma gama de crenças, valores, comportamentos e atitudes que os acompanham e que mudam ao longo do tempo ou de uma situação para outra (Sousa, 2000; Woods, 2005). É justamente em meio a essa trama organizacional onde são encontrados os subsídios para que os etnopsiquisadores possam desenvolver uma pesquisa que dê voz à multiplicidade cultural dos pesquisados (Macedo, 2004), por meio de “um olhar já não de alguém superiormente estranho, que vem de fora para observar, mas um olhar interessado, implicado, ou seja, um olhar etnográfico” (Sousa, 2000, p. 5).

No entanto, André (2010) salienta que devemos ter certo zelo ao usarmos a etnografia no campo da educação, precisando fazer algumas adaptações em relação ao sentido original, mesclando os interesses dos etnógrafos em descrever a cultura com a preocupação principal dos estudiosos da educação que é o processo educativo.

LeCompte e Preissle (1993 como citado em Correia, 2011, p. 297), sugerem que:

[...] na etnografia as abordagens estão mais preocupadas com a descrição e menos com a previsão, com a indução em vez da dedução, com a criação da teoria em vez da sua verificação, com a construção em vez da enumeração, com as subjectividades em vez do conhecimento objetivo. No que se refere a este último, os autores diferenciam entre as abordagens *émicas* (que se propõem analisar os factos antropológicos, sejam étnicos, grupais, individuais ou fenomenológicos, a partir de uma visão propriamente factual) e as abordagens *éticas* (que se baseiam na abordagem, estudo e avaliação de um facto antropológico a partir de um valor cultural predefinido pelo observador. Tudo o que é visto, semelhante ou distinto, passa pelo crivo da nossa interpretação cultural).

Nesse sentido, devemos nos preocupar em ver os fatos em uma realidade cultural mais ampla, e o pesquisador precisa interagir com o contexto estudado, tentando entender todos os símbolos, mesmo que, à primeira vista, pareçam sem importância, mas que podem ter um significado valioso no entendimento daquela cultura, penetrando suas fronteiras e observando de dentro para fora (Woods, 2005).

Quanto ao papel do investigador etnográfico, Macedo (2010, p. 89) esclarece que este sempre deve:

[...] buscar novas respostas e novas indagações para o desenvolvimento do seu trabalho; valorizando a interpretação do contexto; retratando a realidade de forma densa, refinada e profunda; estabelecendo planos de relações com o objeto pesquisado, revelando-se aí a multiplicidade de âmbitos e referências presentes em determinadas situações ou problema; usando uma variedade de informação.

É essencial focar na observação das pessoas em suas atividades cotidianas, anotar suas explicações e relatos sem, no entanto, se restringir apenas a isso, mas ir um pouco além, integrando-se ao ambiente pesquisado e interagindo com os atores sociais da pesquisa (Lapassade, 2005).

De acordo com Howlett e Mukherjee (2018 como citado em Bachtold & Robert, 2022, p. 251-252) temos que:

[...] entre os métodos qualitativos existentes, a etnografia é o que melhor proporciona insights sobre o comportamento de grupos e indivíduos, os quais podem ser utilizados como informações relevantes no processo de desenho de políticas. A utilização de etnografia como método para análise e avaliação de políticas públicas é solicitada quando há a necessidade de compreender mais profundamente determinado problema social ou, ainda, como uma política incide sobre um dado público-alvo ou localidade específica (Pacheco-Vega, 2020), visto que a etnografia permite assimilar fatores subjetivos, sociais e simbólicos que, muitas vezes, não são apreendidos por meio de outros métodos de pesquisas.

Assim, uma investigação com abordagem etnográfica não pode estar restrita a encontros eventuais, mas precisa interagir, encontrar uma sintonia entre o tempo disponível e o contexto pesquisado.

Diante de todo o contexto acima explicitado, o artigo tem por objetivo demonstrar a importância da abordagem etnográfica como método de pesquisa em ciências da educação e seu processo de construção do conhecimento.

## 2. Metodologia

A metodologia se baseou em uma revisão de literatura, na qual o objetivo foi o de recolha de conhecimentos voltados para o tema, bem como informações atualizadas. Contamos com autores como Lapassade (2001, 2005, 2022), Macedo (2004, 2010), Gil (2002), Ruiz (1996), Fino (2008), André (2010), Yin (2010), Souza Júnior (2019), entre outros, que colaboraram com seus estudos para o desenvolvimento do artigo, não só apenas com o diálogo empírico, mas também de maneira teórica e dissertativa.

Na investigação de um tema, um cientista é inspirado por seus próprios valores e ideais, que têm um caráter sagrado para ele, nos quais está disposto a lutar. Por isso, deve estar capacitado a estabelecer uma “distinção entre reconhecer e julgar, e a cumprir tanto o dever científico de ver a verdade dos fatos, como o dever prático de defender” os próprios valores, que devem ser obrigatoriamente expostos e jamais disfarçados de “ciência social” ou da “ordem racional dos fatos”. É essencial distinguir a política e a ciência e considerar que esta tampouco está isenta de valores. Enquanto a ciência é um produto da reflexão do cientista, a política é do homem de vontade e de ação, ou do membro de uma classe que compartilha com outras ideologias e interesses (Barbosa & Quintaneiro, 2002 como citado em Souza Júnior, 2019, p. 138).

Além dos critérios citados – éticos e políticos -, se faz necessário afirmar que toda e qualquer pesquisa investigativa tem suas particularidades e que é preciso seguir o rigor que tal estudo necessita.

Minayo (2007), evoca o conceito de metodologia como sendo algo amplo e que possui três características que são muito elucidativas. São elas:

[...] a) como a discussão epistemológica sobre o “caminho do pensamento” que o tema ou o objeto de investigação requer; b) como a apresentação adequada e justificada dos métodos, técnicas e dos instrumentos operativos que devem ser utilizados para as buscas relativas às indagações da investigação; c) e como a “criatividade do pesquisador”, ou seja, a sua marca pessoal e específica na forma de articular teoria, métodos, achados experimentais, observacionais ou de qualquer outro tipo específico de resposta às indagações específicas (Minayo, 2007, p. 44).

A metodologia se faz presente no momento em que organiza os caminhos a serem percorridos ao longo de toda a jornada investigativa, buscando não apenas responder as perguntas que foram feitas, mas também o de se fazer ciência, como bem explicitam Fonseca (2002) e Minayo (2007) em seus escritos.

Como o artigo tem seu escopo voltado para a revisão de literatura, abaixo seguem conceitos sobre o assunto para que se possa ter algo concreto e compreender melhor.

Estudos que analisam a produção bibliográfica em determinada área temática, dentro de um recorte de tempo, fornecendo uma visão geral ou um relatório do estado-da-arte sobre um tópico específico, evidenciando novas idéias, métodos, subtemas que têm recebido maior ou menor ênfase na literatura selecionada (Noronha & Ferreira, 2000, p. 191).

Ao se utilizar de textos já produzidos agregamos valor ao novo artigo que está sendo escrito, o que favorece construir um conhecimento mais amplo, bem como oferece um crescimento da expertise na área de estudo.

O primeiro passo em direção a uma boa revisão de literatura é uma pesquisa bibliográfica o mais abrangente possível. Por isso é imprescindível conhecer, nesta fase, as bibliotecas disponíveis, suas bases de dados e os serviços que oferecem (como empréstimo entre bibliotecas, bibliotecas digitais ou virtuais) e o pessoal que pode auxiliar. Também é necessário eliminar, na medida do possível que pode auxiliar. Também é necessário eliminar, na medida do possível, as barreiras linguísticas, geográficas e de níveis de compreensão. A produção científica não tem o mesmo ritmo e resultados em todas as áreas, por isso é preciso identificar, adverte Caldas (1986), quando a escassez de literatura é predominante na área, pois, neste caso, todas as referências encontradas são relevantes (Moreira, 2004, p. 25).

É importante frisar que ao se utilizar a revisão de literatura como ponto de partida, o próprio pesquisador contribui para o seu autodesenvolvimento, levando-o a tornar seu objetivo de pesquisa em algo mais concreto e realizável, evitando assim se perder ao longo da sua jornada.

Salientamos que essa ferramenta de trabalho nos ajuda a otimizar nossas ações, ao mesmo tempo em que envolve uma série de informações que traz rapidez e economia de tempo, e que nos faz entender que toda investigação tem de ser levada de maneira séria, ética e que traga algo de bom para todos os envolvidos na pesquisa.

## **2.1 Dos critérios para uma investigação**

Os critérios para a classificação de uma pesquisa englobam aspectos como condições, campos, objetos, situações, objeto de estudo, entre outros.

O ato de investigar é precedido pela curiosidade natural do ser humano. Contudo, para o crescimento da ciência e da ação política, própria do homem, é fundamental que essa investigação tenha compromisso com a ética, orientando o que deve ou não deve ser feito, traduzindo-se também numa ação política, ou seja, a investigação realizada na Ciência pode e deve representar uma ação orientada para a melhoria da vida em sociedade.

Somando aos critérios éticos e políticos, registrando-se também os elementos próprios da pesquisa, como natureza do trabalho investigativo, com suas características e rigores, traduzindo-se na cientificidade que uma investigação de caráter criterioso deve seguir.

Para conceituar a pesquisa buscaram-se autores cuja produção é referência no mundo acadêmico, pois segundo Asti Vera (1979, p. 9), o “significado da palavra não parece ser muito claro ou, pelo menos, não é unívoco”, revelando que não há consenso na definição do termo.

Segundo postula Ruiz (1996, p. 48), “pesquisa científica é a realização concreta de uma investigação planejada, desenvolvida e redigida de acordo com as normas da metodologia consagradas pela ciência”.

De forma mais complexa e detalhada, Ander-Egg (1978, p. 28) conceitua pesquisa como um “procedimento reflexivo sistemático, controlado e crítico, que permite descobrir novos fatos ou dados, relações ou leis, em qualquer campo do conhecimento”. Podemos observar que para o autor, é um caminho repleto de formalidade, que envolve método e pensamento reflexivo, permitindo assim, a geração de um conhecimento.

Para Andrade (2001, p. 16), pesquisa refere-se a “um conjunto de procedimentos sistemáticos baseados no raciocínio lógico, que tem por objetivo encontrar soluções para os problemas propostos mediante o emprego de métodos científicos”.

A pesquisa investiga o mundo em que o homem vive e o próprio homem. Para esta atividade, o investigador recorre à observação e à reflexão que faz sobre os problemas que enfrenta, e à experiência passada e atual dos homens na solução destes problemas, a fim de munir-se dos instrumentos mais adequados à sua ação e intervir no seu mundo para construí-lo adequado à sua vida (Chizzoti, 2003, p. 11).

De acordo com a citação acima, entendemos que o método etnográfico se assenta na pesquisa social, uma vez que se debruça sobre aspectos próprios da natureza humana, especificamente em seus processos de ensino e aprendizagem.

Segundo Alves (2007 como citado em Pereira & Coutinho, 2023, p. 992) a pesquisa científica “[...] trata de um exame cuidadoso, metódico, sistemático e em profundidade, visando a descobrir dados, ou ampliar e verificar informações existentes, objetivando acrescentar algo novo à realidade investigada”.

Dialogando com Minayo (2012), a pesquisa social se faz por aproximação e tem como características a historicidade, sendo dialética entre o passado, o presente e as discussões sobre o futuro que ainda está por vir.

Desta forma “a provisoriade, o dinamismo e a especificidade são características de qualquer questão social” (Minayo, 2012, p. 12) e os resultados de suas pesquisas possuem sentido dentro de um contexto próprio, considerando não só as convicções do investigador, mas da sociedade de maneira geral. Neste último caso, tem-se fortemente o fator de neutralidade científica, onde nas pesquisas sociais é mais crítica, uma vez que “passa por interesses e visões de mundo historicamente criadas” (Minayo, 2012, p. 13).

Spradley (1979) assevera que a etnografia tem de ser entendida como uma cultura de um pequeno grupo de uma determinada tribo, ou quicá, a de uma turma qualquer de uma escola em uma região da periferia de uma grande cidade, na qual o pesquisador etnográfico pode compreender a maneira de viver e as histórias dos indivíduos pesquisados.

Entendemos que dentro de uma abordagem etnográfica, o pesquisador faz parte do universo abordado. Segundo André (2010, p. 170) a etnografia “é o estudo do fenômeno em seu acontecer natural”.

Segundo postula Lapassade (2005, p. 148) em sua obra intitulada “As Microssociologias”, o termo etnografia aponta para um contexto de “um povo, uma cultura”, com o qual o autor salienta a “observação participante”, onde a definição se faz presente na observação feita em campo com os sujeitos da pesquisa. Ainda para o autor, a etnografia se caracteriza como uma disciplina, mas também como uma técnica de trabalho, que tem como principal característica os dados coletados ao longo de todo o processo de pesquisa que foi realizado.

Imagine-se o leitor sozinho, rodeado apenas de seu equipamento, numa praia tropical próxima a uma aldeia nativa, vendo a lancha ou o barco que trouxe afastar-se no mar até desaparecer de vista. Suponhamos, além disso, que você seja apenas um principiante, sem nenhuma experiência, sem roteiro e sem ninguém que o possa auxiliar. Isso descreve exatamente a minha iniciação na pesquisa de campo, no litoral sul da Nova Guiné (Malinowski, 1976, p. 23).

De acordo com a assertiva acima, podemos perceber que o processo etnográfico visa à interação constante do pesquisador com o seu campo de pesquisa.

Conforme Macedo (2010) a etnopesquisa tem seu interesse direcionado para a compreensão das ordens socioculturais em organização, preocupando-se com os processos que constituem o ser humano.

Ao enveredar pela realização de pesquisa etnográfica, o pesquisador tem de manter a descrição e a ponderação rígida nos aspectos cotidianos do espaço de investigação. Conforme indica Macedo (2010), é função do cientista social desvencilhar-se de suas próprias intenções e anseios no ato de pesquisar para explicar o teor do fenômeno a ser pesquisado.

Sabirón (2001 como citado em Fino, 2008) vai mais além ao informar da necessidade à atenção para o valor da descrição na etnografia. Para falar sobre etnografia e educação, a exemplo deste caso, investigação de atividades informais dentro de um espaço formal.

Ainda na perspectiva de Fino (2008), a etnografia crítica munida do poder descritivo pode nortear se uma prática é ou não inovadora, pois se faz necessário que a inovação se concretize na prática e não somente fique no campo das ideias.

O etnopsiquisador está em constante busca de informações inéditas e consequentemente novas respostas, as quais locupletam o trabalho, no qual “o conhecimento é visto como algo que constrói que se faz e refaz constantemente” (Macedo, 2004, p. 89).

Desta forma torna-se possível demonstrar não somente a dinâmica da sociedade ou da sala de aula, mas também a reação e o retorno dos indivíduos frente às realizações práticas, assim como a pertinência de todos os envolvidos na busca pelo conhecimento.

Nesse sentido Chizzotti (2006) indica que a etnografia se distingue na descrição de pequenos grupos, priorizando o estudo e a aprendizagem dentro de um cenário mais completo, utilizando-se para isso os mais diversos métodos de coleta, procurando assim descrever as situações vividas pelos grupos pesquisados.

### **3. Dispositivos de Coleta de Informações**

Todo trabalho de investigação precisa recolher e registrar informações para que os pesquisadores possam, a partir destes, pensar de maneira adequada e profundamente sobre os aspectos cotidianos que deseja explorar (Bogdan & Biklen, 1994).

Diante disso, destacaremos três (03) dispositivos de coleta coerente com o método etnográfico, que abaixo estão especificados. São eles:

#### **Pesquisa documental**

A análise documental constitui uma abordagem de dados qualitativos muito úteis à pesquisa etnográfica, que permite descobrir alguns aspectos relacionados ao tema ou problema da pesquisa. “Constitui-se um recurso precioso para esse tipo de investigação, seja revelando novos aspectos de uma questão, seja aprofundando-a” (Macedo, 2010, p. 107). A mesma se assemelha à análise bibliográfica, a diferença está na fonte, já que a pesquisa bibliográfica se utiliza de materiais que já foram publicados; enquanto, que a pesquisa documental está à busca de informações que possam traduzir de maneira mais assertiva os fatos que fazem parte da pesquisa.

Em muitas das vezes, as análises documentais são confundidas por se tratar às vezes de pesquisas que encontram suas fontes em jornais, revistas, filmes, entre outros. E, no processo investigativo, a pesquisa documental tem a função de subsidiar um estudo mais aprofundado sobre o assunto tratado.

Yin (2010, p. 107) afirma que “esse tipo de informação pode assumir muitas formas e deve ser o objeto de planos explícitos de coleta de dados”.

Nesse sentido os documentos são sempre de grande valia como evidências, pois irão favorecer uma melhor interpretação daquilo que se estuda. Porém, é necessário frisar que o pesquisador tem de ficar atento aos documentos apresentados, já que em alguns casos os mesmos podem não traduzir a realidade ali escrita.

Conforme aponta Valles (2007 como citado em Simões, Moura & Silva, 2023, p. 9199) “A Pesquisa Documental é um procedimento que se utiliza de técnicas para compreensão e a análise de documentos das mais variadas fontes. Existem uma imensa variedade de documentos na qual o investigador pode se utilizar para coletar dados para sua pesquisa”.

Yin (2010) afirma que sempre se faz necessário procurar informações para validar a veracidade dos dados, para que os mesmos possam ser uma fonte precisa. Por isso, sempre é preciso que o estudioso tenha outras formas de pesquisa para validar seu estudo.

A pesquisa documental possui uma série de vantagens por retratar fonte fidedigna, não ter custo e evitar o contato com os pesquisados, porém vale ressaltar que a subjetividade ou a objetividade nas análises podem não serem totalmente corretas. É importante que o pesquisador considere as mais diversas implicações relativas aos documentos antes de formular uma conclusão definitiva (Gil, 2002, p. 47).

Analisando a citação acima entendemos que nem tudo são “flores”<sup>1</sup> no transcorrer da pesquisa documental. Mas, ela é o primeiro ponto de partida para subsidiar a pesquisa etnográfica.

Lapassade (2022, p. 31-32, tradução nossa) considera duas categorias de documentos que podem ser utilizados para análise, que são os documentos oficiais e pessoais.

- a) Documentos oficiais – São os registros, o uso do tempo (horários), as atas das reuniões, documentos confidenciais sobre os estudantes, livros, periódicos e revistas, registros escolares, arquivos e estatísticas, cartazes, cartas oficiais, documentos do exame, planilhas, fotos.
- b) Documentos pessoais – São as agendas, cadernos de rascunho dos alunos, grafites, cartas e notas pessoais. Produções pessoais dos alunos, especialmente quando eles contêm um aspecto pessoal significativo, podem fornecer informações valiosas sobre seus pontos de vista e atitudes para uma variedade de tópicos.

O autor supracitado destaca ainda a importância dos documentos produzidos pelo pesquisador durante a investigação, em especial as “notas de campo”<sup>2</sup> e as entrevistas, uma vez que estes documentos podem conter detalhes sobre como a pesquisa foi concebida e desenvolvida, além de expor como se deu a relação do pesquisador com os participantes do estudo, as negociações, bem como identificar de falhas e erros.

Acreditamos que uma pesquisa documental é importante para que se possa selecionar os documentos de forma que seja possível sua autenticidade, representatividade, significado e credibilidade, além de proporcionar nos dizer como as coisas foram construídas ao longo de todo processo.

### **Observação participante**

O conceito de observação participante surge por volta da década de 1920, na qual a obra “Argonautas do Pacífico” de Bronislaw Malinowski rompe com a separação entre o observador participante e os relatos ouvidos de forma erudita (Betoni, 2022).

Nesta forma particular de observação, o pesquisador busca compreender a cultura do “outro” partindo de uma visão localizada no interior da comunidade pesquisada, isso é, de dentro (Betoni, 2022, p. 1).

As primeiras pesquisas etnográficas no campo educacional se deram nos anos de 1960, a partir de publicações de estudos etnosociológicos sobre o assunto (Lapassade, 2001).

---

<sup>1</sup> Grifo nosso.

<sup>2</sup> Ibidem.



Bogdan e Taylor (1996, p. 3), caracterizam a observação participante como “uma investigação que envolve uma interação social entre o pesquisador e os sujeitos, no meio destes, e, durante a qual, se recolhe dados de maneira sistemática e não intrusiva”<sup>3</sup>.

“Para que se torne um instrumento válido e fidedigno de investigação científica, a observação precisa ser antes de tudo controlada e sistemática. Isso implica a existência de um planejamento cuidadoso do trabalho e uma preparação rigorosa do observador” (André, 2010, p. 29).

Dialogando com a citação acima, fica muito claro que não é possível sair para observar sem antes se planejar. É necessário saber o que se quer pesquisar. A pesquisa não pode se dar de maneira fortuita. É preciso um roteiro que seja elaborado com antecedência (Souza Júnior, 2019).

Lüdke e André (1986 como citado em Souza Júnior, 2019, p. 154) indicam que a observação participante tem de seguir algumas premissas. São elas:

1. *Descrição dos sujeitos* – sua aparência física, seus maneirismos, seu modo de vestir, e falar e de agir. Os aspectos que os distinguem dos outros devem ser também enfatizados;
2. *Reconstrução de diálogos* – as palavras, os gestos, os depoimentos, as observações feitas entre os sujeitos ou entre estes e o pesquisador devem ser registrados. Na medida do possível devem-se utilizar as suas próprias palavras. As citações são extremamente úteis para analisar, interpretar e apresentar os dados;
3. *Descrição de locais* – o ambiente onde é feita a observação deve ser descrito. O uso de desenhos ilustrando a disposição dos móveis, o espaço físico, a apresentação visual do quadro de giz, dos cartazes, dos materiais de classe podem também ser elementos importantes a serem registrados;
4. *Descrição de eventos especiais* – as anotações devem incluir o que ocorreu, quem estava envolvido e como se deu esse envolvimento;
5. *Descrição das atividades* – devem ser descritas as atividades gerais e os comportamentos das pessoas observadas, se deixar de registrar a sequência em que ambos ocorrem;
6. *Os comportamentos do observador* - sendo o principal instrumento da pesquisa, é importante que o observador inclua nas suas anotações as suas atitudes, ações e conversas com os participantes durante o estudo.

Ainda para Lüdke e André (1986 como citado em Souza Júnior, 2019, p. 154), o pesquisador deve refletir sobre sua prática, considerando alguns pontos para que suas observações sejam as mais precisas possíveis. Que são:

1. *Reflexões analíticas* – referem-se ao que está sendo “aprendido” no estudo, isto é, temas que estão emergindo, associações e relações entre partes, novas ideias surgidas;
2. *Reflexões metodológicas* – nestas estão envolvidos os procedimentos e estratégias metodológicas utilizadas, as decisões sobre o delineamento (*design*) do estudo, os problemas encontrados na obtenção dos dados e a forma de resolvê-los;
3. *Dilemas éticos e conflitos* – aqui entram as questões surgidas no relacionamento com os informantes, quando podem surgir conflitos entre a responsabilidade profissional do pesquisador e o compromisso com os sujeitos;
4. *Mudanças perspectiva do observador* – é importante que sejam anotadas as expectativas, opiniões, preconceitos e conjecturas do observador e sua evolução durante o estudo;
5. *Esclarecimentos necessários* – as anotações devem também conter pontos a serem esclarecidos aspectos que parecem confusos, relações a serem explicitadas, elementos que necessitam de maior explanação.

Entendemos que os pontos acima mencionados são importantes para o pesquisador, haja vista que o estudioso pode não fazer parte do universo pesquisado, e que se faz necessário estar atento a todos os acontecimentos. Para isso, o uso de um diário que possa relatar as informações colhidas ao longo de todo o percurso da pesquisa é valoroso.

Para Macedo (2010) a observação participante contribui significativamente na tarefa de desvendar todo um conjunto de valores e normas presentes nas pessoas que fazem parte do universo pesquisado, ao interagir na vivência cotidiana desses

---

<sup>3</sup> Tradução nossa.

indivíduos, uma vez que “o envolvimento deliberado do investigador na situação da pesquisa é não só desejável, mas essencial, por ser essa forma a mais congruente com os pressupostos da observação participante” (Macedo, 2010, p. 97), levando em consideração três pilares fundamentais da experiência de cada indivíduo: o que faz, o que sabe e o que constrói.

Sendo assim, e para facilitar o trabalho do pesquisador, torna-se pertinente durante as observações, tomar notas, fotografar, gravar e recolher tudo que achar plausível de registro nas situações observadas, para uma melhor compreensão dessas realidades culturais no decorrer do desenvolvimento da pesquisa, pois:

[...] a auscultação dos diversos mundos culturais só pode ser feita através da chamada “observação participante”, no pátio do recreio, nos intervalos, nos “feriados”, nos jogos de bola, no café, fazendo uso de uma imensidão de técnicas bem ao alcance de cada um, se se estiver, acima de tudo, etnograficamente implicado. São as entrevistas, os inquéritos, a recolha de desenhos, composições e poemas, a ida aos bairros, o contato com os familiares, as festas na escola, as competições esportivas, o registro em jornais de bordo, as histórias de vida, os estudos de caso, etc. (Sousa, 2004, p. 16-17, grifos da autora).

Logo, a observação participante pode proporcionar adentrar no cotidiano dos atores sociais envolvidos, numa perspectiva micro (Woods, 2005), mas não perdendo a visão de pesquisador.

Bogdan e Taylor (1975) citado por Fino (2008, p. 4) definem que “a observação participante como uma investigação que se caracteriza por um período de interações sociais intensas entre o investigador e os sujeitos, no meio destes, durante o qual os dados são recolhidos de forma sistemática”.

Entende-se aqui que o observador participante faz parte do momento histórico, já que o mesmo aprende e compartilha conhecimento com o público pesquisado.

A observação participante é uma das técnicas muito utilizadas pelos pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa e consiste na inserção do pesquisador no interior do grupo observado, tornando-se parte dele, interagindo por longos períodos com os sujeitos, buscando partilhar o seu cotidiano para sentir o que significa estar naquela situação (Queiroz et al. 2007, p. 278).

Conforme a assertiva acima, o pesquisador tem a possibilidade de sair do seu isolamento e interagir com o objeto pesquisado, no sentido de compreender o conhecimento produzido no contexto investigado, isso implica em um importante fator na observação participante.

A observação participante se apoia nos princípios da fenomenologia na qual estuda as vivências e suas significações. Schutz (1979, p. 159) indica que “o mundo da minha vida diária não é de forma algum meu mundo privado, mas é, desde o início, um mundo intersubjetivo compartilhado com meus semelhantes, vivenciando e interpretado por outros; em suma, é um mundo comum a todos nós”.

Conforme explicita Rocha e Eckert (2023) o método etnográfico é composto por vários procedimentos, inclusive o levantamento de dados de pesquisa probabilística e quantitativa, na qual a observação direta e participante representa a possibilidade de se investigar os saberes e práticas de forma privilegiada.

Marietto (2016 como citado em Pereira & Coutinho, 2023, p. 996) “A principal vantagem da observação está na facilidade de acesso aos dados na hora de coleta. O registro da observação é feito no momento em que esta ocorre e pode assumir diferentes formas, dentre a mais comum, a escrita ou gravação de sons e imagens”.

Os fenômenos produzidos pelos indivíduos no seu *habitat* são uma fonte inestimável e rica para estudar, já que podem ser significativas não apenas para os sujeitos que lá se encontram e aprendem, mas também para o observador participante que pode entender e interagir com a sociedade pesquisada, já que todas as vivências possuem seu significado, que tem o seu valor dentro de todo o contexto.

## Entrevista etnográfica

Esta técnica de coleta de informações é uma ferramenta muito importante para o entendimento da realidade pesquisada, permitindo captar, de forma corrente, as informações dos mais variados tópicos e com diferentes informantes (Spradley, 1979).

[...] é um dispositivo no interior do qual há uma troca que não é, como a conversação denominada de campo, espontânea e ditada pelas circunstâncias. Ela põe face a face duas pessoas cujos papéis são definidos e dissimétricos: o que conduz a entrevista e o que é convidado a responder, a falar de si (Lapassade, 2005, p. 148).

Em conformidade Macedo (2010, p. 105) esclarece que:

[...] se trata de um encontro, ou de uma série de encontros face a face entre um pesquisador e atores, visando a compreensão das perspectivas que as pessoas entrevistadas têm sobre sua vida, suas experiências, sobre as instituições a que pertencem e sobre suas realizações, expressas em linguagem própria.

Em se tratando de uma pesquisa etnográfica propomos realizar uma entrevista semiestruturada, visando uma intensa dinâmica interna, com abertura para mudanças de direcionamento por parte do pesquisador durante o transcorrer da conversa.

Este tipo de entrevista consiste em conversas com os participantes do estudo simultaneamente à observação participante, através das quais o pesquisador faz uso de algumas perguntas guias, pois embora a entrevista semiestruturada seja flexível faz-se necessário que entrevistador elabore um roteiro base com questões a serem seguidas abordando a temática da investigação, mas sem inflexibilidade, buscando, com isso, receber a maior quantidade possível de informações do entrevistado (Bogdan & Biklen, 1994).

A utilização de entrevista semiestruturada em uma investigação possibilita ir além a um simples recolhimento de informações, visto que este recurso proporciona ao pesquisador ir ao encontro da realidade dos pesquisados, favorecendo “[...] a compreensão das realidades humanas, à medida que toma como premissa irremediável que o real sempre resulta de uma conceituação” (Macedo, 2004, p. 165).

“A entrevista é um rico e pertinente recurso metodológico para apreensão de sentidos e significados e para a compreensão da realidade humana, na medida em que toma como premissa irremediável que o real é sempre resultado de uma conceituação” (Macedo, 2010, p. 104).

Entendemos que o investigador estará sempre se questionando, principalmente quando estiver totalmente engajado de maneira ativa no percurso da pesquisa. Pois, através das conversas informais se pode traduzir fatos importantes. A mais simples das coletas de informações servirá de fonte para se apropriar de informações que em determinado momento serão úteis para o desenvolvimento da pesquisa.

Ouvir significa receber informações por meio de múltiplas modalidades – por exemplo, fazer observações intensas ou sentir o que pode estar acontecendo – não apenas usar a modalidade auditiva, pois um pesquisador mais experiente é capaz de tirar vantagem das oportunidades inesperadas em vez de se atrapalhar com elas (Yin, 2010, p. 96).

Diante disso, as entrevistas etnográficas podem assumir as mais diversas estruturas, sejam elas abertas, fechadas ou semiestruturadas, já que tem como objetivo retratar um determinado ponto de vista individual, e que irá ser de uma fonte de informação que traduz a real situação que está sendo pesquisada. Ressalte-se ainda que as entrevistas são fontes essenciais de evidência para o estudo de caso, haja vista que a maioria delas é sobre assuntos humanos ou eventos comportamentais.

“Os entrevistados bem-informados podem proporcionar *insights* importantes sobre esses assuntos ou eventos. Eles também podem fornecer atalhos para a história prévia dessas situações, ajudando-o a identificar outras fontes relevantes da evidência” (Yin, 2010, p. 135).

Ao participar ativamente da pesquisa, o investigador busca através das suas conversas informais fazer questionamentos para poder colher as mais diversas informações, buscando sempre fazer com que os dados brotem, na tentativa de se aproximar das experiências vividas pelos seus interlocutores.

Yin (2010) considera as entrevistas como uma das fontes mais importantes de informação para o estudo de caso. O autor indica a existência de três tipos de estudo de caso, que são:

1 – *Entrevista em profundidade*, que pode ocorrer durante um longo período de tempo podendo o investigador perguntar aos respondentes-chaves sobre os fatos e opiniões de um assunto ou eventos; 2 – *Entrevista focada*, nesse tipo de entrevista pode ocorrer durante um curto período de tempo – uma hora, por exemplo, podendo permanecer aberta com a finalidade de corroborar com os fatos já estabelecidos. Nesse caso não se deve perguntar sobre outros tópicos de natureza mais ampla; 3 – *levantamento*, nesse tipo pode ser projetado como parte de um estudo integrado (Yin, 2010, p. 115).

Acreditamos que, qualquer que seja o tipo de entrevista a ser utilizada, é necessário tratar a mesma com responsabilidade e ética, bem como conduzi-la seguindo um roteiro de perguntas previamente elaboradas para confirmar ou não dados já recolhidos.

De acordo com Amado e Ferreira (2013 como citado em Pereira e Coutinho, 2023) uma pesquisa que tem se mostrado mais presente na comunidade acadêmica é o grupo focal, que tem como característica.

[...] envolver um grupo de representantes de uma determinada população na discussão de um tema previamente fixado, sob o controle de um moderador que estimulará a interação e assegurará que a discussão não extravase do tema em foco. É no contexto da interação que se espera que surjam as informações pretendidas (Amado & Ferreira, 2013 como citado em Pereira & Coutinho, 2023, p. 997).

Em suma, a entrevista possibilita esclarecer alguns pontos que poderiam deixar dúvidas durante a realização da coleta de informações por outras fontes, pois “as entrevistas têm a finalidade de aprofundar e esclarecer os problemas observados” (André, 2010, p. 28), e, com isso, compreender melhor alguns acontecimentos registrados, buscando entender os significados dados pelos entrevistados às situações e questões com base em suposições e conjecturas do pesquisador, ao mesmo tempo em que o mesmo esteja ciente de seu papel nessa técnica.

#### 4. Considerações Finais

Esse artigo destaca o método etnográfico para descrevê-lo como processo de pesquisa na educação e que deve ser entendida não só como uma mera descrição de uma cultura, seja ela uma turma em atividade na sala de aula. Ela se faz presente de maneira viva, na qual a teoria e a prática são inseparáveis. Porém, vale ressaltar que por mais que a teoria seja algo presente constantemente, a realidade do campo sempre será uma surpresa para o pesquisador (Uriarte, 2012).

Entendemos que a abordagem etnográfica na pesquisa educacional vem ganhando espaço nesse campo desde as três últimas décadas. Os investigadores desta área passaram a utilizar essas técnicas o que originou uma nova linha de pesquisa que recebeu a denominação de “antropológica”<sup>4</sup> (Lüdke & André, 1986).

A pesquisa qualitativa etnográfica permite conforme André (2010) que o investigador se aproxime do ambiente escolar para tentar entender como ocorre internamente no dia a dia a (re)elaboração do conhecimento, de atitudes, crenças,

---

<sup>4</sup> Grifo nosso.

valores, de ver e sentir a realidade da instituição educacional. Conhecer a organização acadêmica não significa ver tudo com uma lente de aumento, primeiro é necessário ter uma visão mais abrangente para entender as relações e interações que constituem no seu cotidiano, identificando as estruturas de poder, os modos de organização do trabalho acadêmico, compreendendo a atuação de cada sujeito, as ações e relações, conteúdos (re)construídos e/ou modificados. Essa visão de instituição educacional como espaço social onde ocorrem valores e significados renovados exige o rompimento do tradicional, da acomodação e da resistência.

Dentro dos vastos dispositivos de coleta de dados optamos por trabalhar com três deles e isso nos favoreceu nos aprofundar em cada um deles. Nesse sentido a pesquisa documental traz em seu interior importantes informações sobre o tema em estudo, o que colabora de forma relevante para que a investigação acerca do mesmo pode nos revelar evidências, ao mesmo tempo em que é possível aprofundar os questionamentos.

A observação participante não se faz apenas anotações, pois, a partir do momento do ato de observar, é possível obter as mais diversas informações, ao mesmo tempo em que o pesquisador está inserido de forma presente para não perder seu foco, levando o mesmo a construir uma relação de confiança, empatia e respeito, interagindo de forma a ficar no espaço pesquisado o maior tempo possível.

Entendemos que a entrevista etnográfica se faz num espaço de diálogo, de maneira ética, livre, informal e que se manifesta de forma real. É como assevera Lapassade (2005, p. 121) em seus escritos no qual indica que “é preciso assegurar-se de que as palavras do investigado têm valor de verdade, que expressem, de modo preciso, seus pontos de vista acerca da realidade que o circunda, suas convicções suas atitudes”. Esse processo de escuta nos aproxima do objeto pesquisado e faz com que o estudo se construa em cima de algo palpável, real e a comunicação se dá em ouvir o que o outro tem a dizer, cada um tem algo a falar e necessita ser sempre ouvido. E isso faz uma grande diferença na pesquisa.

Por fim, acreditamos que ao trabalhar com uma metodologia como a etnografia, como processo de pesquisa na educação, a mesma se apresenta como uma ferramenta que nos possibilita compreender e interpretar a cultura investigada, na qual nos abre caminhos para a construção de um estudo mais aprofundado e que condiz com a realidade pesquisada e que se apresenta o tempo todo como algo que está em constante evolução e dinamismo.

## Referências

- Alves, M. *Como escrever teses e monografias: um roteiro passo a passo*. (2a ed.), Elsevier.
- Amado, J., & Ferreira, S. (2013). A entrevista na investigação educacional. In *Manual de Investigação Qualitativa em Educação*. Coimbra: Universidade Coimbra.
- Ander-egg, E. (1978). *Introducción a las técnicas de investigación social: para trabajadores sociales*. (7a ed.), Humanitas.
- Andrade, M<sup>a</sup>. M. de. (2001). *Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação*. (5a ed.), Atlas.
- André, M. E. D. A. de. (2010). *Etnografia da prática escolar*. Papirus.
- Asti vera, A. (1979). *Metodologia da pesquisa científica*. (5a ed.), Globo.
- Barbosa, M<sup>a</sup>. L. de O., & Quintaneiro, T. (2002). Max Weber. In Quintaneiro, T., Barbosa, M<sup>a</sup>. L. de O., & Oliveira, M. G. M. de O. *Um toque de clássicos: Marx, Durkheim e Weber*. (2a ed.), Editora UFMG.
- Bachtold, I. V., & Robert, R. R. (2022) Etnografia como evidência: contribuições e desafios do uso de estudos etnográficos para a análise de políticas sociais brasileiras. <http://dx.doi.org/10.38116/978-65-5635-032-5/capitulo7> In Koga, N. M., Palotti, P. L. de M., Mello, J., & Pinheiro, M. M. S. *Políticas públicas e usos de evidências no Brasil: conceitos, métodos, contextos e práticas*. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). <http://dx.doi.org/10.38116/978-65-5635-032-5>
- Betoni, C. (2022). *Etnografia*. <https://www.infoescola.com/antropologia/etnografia/>
- Bogdan, R., & Biklen, S. K. (1994). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto Editora.
- Bogdan, R., & Taylor, S. (1996). *Introducción a los métodos cualitativos de investigación: la búsqueda de significados*. (3a ed.), Paidós Básica.

- Caldas, M<sup>a</sup>. A. E. (1986). *Estudos de revisão de literatura: fundamentação e estratégia metodológica*. Hucitec.
- Chizzotti, A. (2003). *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. (6a ed.), Cortez.
- Chizzotti, A. (2006). *Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais*. Vozes.
- Correia, F. L. de S. (2011). *Internet – sala de estudo virtual*. [Tese Doutorado em Educação, Faculdade de Ciências Sociais, Universidade da Madeira]. Funchal-PT, 427.
- Fino, C. N. (2008). A etnografia enquanto método: um modo de entender as culturas (escolares) locais. In Escallier, C., & Veríssimo, N. (Org.). *Educação e Cultura*. Funchal: DCE – Universidade da Madeira. 43-53.
- Fonseca, J. J. S. de. (2002). *Metodologia da pesquisa científica*. UECE. Apostila.
- Geertz, C. (1989). Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In *A interpretação das culturas*. Guanabara.
- Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa*. (4a ed.), Atlas.
- Howlett, M., & Mukherjee, I. (Ed). (2018). *Routledge handbook of policy desing*. Routledge.
- Lapassade, G. (2001). Observation Participante. *Revista Europeia de Etnografia da Educação*.
- Lapassade, G. (2005). *As microssociologias*. Líber Livro Editora.
- Lapassade, G. (2022). *La méthode ethnographique*. <http://www.vadeker.net/corpus/lapassade/ethngrso.htm>.
- LeCompte, M., & Preissle, J. (1993). *Ethnography and qualitative design in educational research*. (2a ed.). Academic Press Ltd.
- Lüdke, M., & André, M. E. D. A. de. (1986). *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. (2a ed.), E.P.U.
- Macedo, R. S. (2004). *A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação*. (2a ed.), EDUFBA.
- Macedo, R. S. (2010). *Etnopesquisa crítica, etnopesquisa-formação*. (2a ed.), Liber Livro Editora.
- Malinowski, B. (1976). *Argonautas do Pacífico Ocidental*. abril.
- Marietto, M. L. (2016). Participant and non-participant observation: theoretical contextualization and guide suggestion for methods application. *Iberoamerican Journal of Strategic Management*, 17(4), 5-18.
- Minayo, M<sup>a</sup>. C. de S. (2007). *O desafio do conhecimento*. (10a ed.), HUCITEC.
- Minayo, M<sup>a</sup>. C. de S. (Org.). (2012). *Pesquisa Social – teoria, método e criatividade*. Vozes.
- Moreira, W. (2004). Revisão de Literatura e Desenvolvimento Científico: conceitos e estratégias para confecção. *Revista Janus*. 1(1). [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/19/o/Revis\\_o\\_de\\_Literatura\\_e\\_desenvolvimento\\_cient\\_fico.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/19/o/Revis_o_de_Literatura_e_desenvolvimento_cient_fico.pdf).
- Noronha, D. P., & Ferreira, S. M. S. P. (2000). Revisões de literatura. In Campello, B. S., Cendón, B. V., & Kremer, J. M. (orgs). *Fontes de informação para pesquisadores e profissionais*. Belo Horizonte: UFMG.
- Pereira, C., & Coutinho, D. J. G. (2023). Pesquisa qualitativa na área da educação. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação – REASE*. 9(3). doi.org/10.51891/rease.v9i3.8803.
- Queiroz, D. T., Vall, J., Souza, Â. M<sup>a</sup>. A., & Vieira, N. F. C. (2007). Observação Participante na Pesquisa Qualitativa: conceitos e aplicações na área de saúde. *Rev. Enferm. UERJ*, 15(2). 276-83.
- Rocha, A. L. C. da, & Eckert, C. (2023). *Etnografia: saberes e práticas*. [https://www.researchgate.net/publication/279338174\\_Etnografia\\_Saberes\\_e\\_Praticas](https://www.researchgate.net/publication/279338174_Etnografia_Saberes_e_Praticas). Acesso em: 29.10.2023.
- Ruiz, J. Á. (1996). *Metodologia Científica: guia para eficiência nos estudos*. (4a ed.), Atlas.
- Sabirón, F. (2001). Estructura de un proyecto de investigación en Etnografía de la Educación (I). *Revista Europeia de Etnografia da Educação*. 1. 27-42.
- Schutz, A. (1979). O mundo das relações sociais. In Wagner, H. R. (Org.). *Fenomenologia e relações sociais: textos escolhidos de Alfred Schutz*. Jorge Zahar, 123-193.
- Simões, R., Moura, J. M. B. M. de, & Silva, A. C. da. (2023). Pesquisa documental: uma técnica para a identificação de problemas na captação de recursos federais no setor de saneamento básico. *Revista Gestão e Secretariado (GeSec)*. 14(6), 9166-9218.
- Sousa, J. M<sup>a</sup>. (2000). O olhar etnográfico da escola perante a diversidade cultural. *Revista de Psicologia Social e Institucional*. 1(1).
- Sousa, J. M<sup>a</sup>. (2004). Currículos alternativos: um olhar etnográfico. In Estrela, A., & Ferreira, J. (Orgs). *Diversidade e diferenciação em Pedagogia*. Lisboa. AFIRSE Portuguesa. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. Universidade de Lisboa.
- Souza Júnior, M. de. (2019). *Navegando no mar sem fim da aprendizagem na terceira idade: uma investigação acerca do uso das TIC e da inovação pedagógica*. [Tese Doutorado em Educação, Faculdade de Ciências Sociais, Universidade da Madeira]. Funchal-PT, p. 310.

Spradley, J. P. (1979). *The Ethnographic Interview*. Holt, Rinehart and Winston.

Uriarte, U. M. (2012). O que é fazer etnografia para os antropólogos. *Ponto Urbe – Revista do núcleo de antropologia urbana da USP*. [Online], 11.

Valles, M. S. (2007). *Técnicas cualitativas de investigación social: reflexión metodológica y práctica profesional*. Madrid: Síntesis.

Woods, P. (2005). *Inside Schools Ethnography in educational research*. London and New York. Taylor & Francis e-Library.

Yin, R. K. (2010). *Estudos de caso: planejamento e métodos*. (4a ed.), Bookman.